



Paulo Elvira
1919

ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NÚMERO 270. 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6500. — Semestre 13500. — Ano 26500
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14500 — Ano 28500
ESTRANGEIRO: Semestre 7500. — Ano 34500.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 43, LISBOA

Sapataria **JANUARIO**
Fabricação de luxo em todos os generos
pelos mais bellos modelos
MEIAS FINAS

18, R. de S.^{ta} Justa, 80



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.^a L.^{da}**
R. Nova do Almada, 6. 2.^a
Telefone 2536 LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

PHONOLAS — PIANOS TRIPHONOLAS

(DA CELEBRE CASA LUDWIG HUPFELD, DE LEIPZIG)

Os auto-pianos da grande marca **PHONOLA**, conhecidos ha muitos anos no nosso paiz como os mais aperfeiçoados e duradouros. só são incorporados em pianos **ALEMÃES** de **PRIMEIRA CATEGORIA**.

A **TRIPHONOLA**, que pode ser acionada por pedaes ou eletricamente, representa a congregação de todos os aperfeiçoamentos conhecidos, e é um instrumento de

ABSOLUTA PERFEIÇÃO ARTISTICA

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL:

VALENTIM DE CARVALHO

Rua d'Assumpção, 39

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 4282

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



A SR.ª D. PALMIRA REBELO DA SILVA

FILHA DO MAJOR SR. ARNALDO REBELO DA SILVA, UMA DAS SENHORAS MAIS DISTINTAS DA SOCIEDADE ELEGANTE DE BRAGA

(Cliché Studio)

CRONICA DA SEMANA

LANDRU é, ele só, — uma cronica. Foi mesmo a sua larga cronica que o levou aos tribunales. E' uma cronica de paradoxos, de sombra e luz, de amor e crime, de barbas e calva. Mas o que mais interessa na cronica de Landru não é o crime. E' o amor.

Ele jogou, soube jogar formidavelmente com a inferioridade de mulheres—o coração.

Se as mulheres constituem o libelo contra Landru, Landru é um libelo contra as mulheres.

Landru foi um homem que brincou com o Amor, como quem brinca com o fogo. E tanto brincou com o fogo— que as queimou.

Perto de tresentas mulheres esperavam por ele, como quem espera a vinda de Cristo, como as virgens-loucas esperavam o noivo desejado, quasi consumido a oleo das suas lampadas...

Landru mais do que criminoso é um psicologo. Se ele escrevesse em vez de matar, teria certamente, feito um livro de psicologia amorosa muito melhor do que o do excelente Bourget, — um pobre teorico, que, para fazer psicologia nunca expoliou mulheres, nem queimou mais nada alem das pestanas...

As suas victimas foram a sua obra. Simplesmente, como os autores modestos, dos torturados, Landru, descontente—queimou a sua obra.

Landru não era, evidentemente, um amoroso, Landru era um psicologo, que racionava a frio.

A cada momento, no julgamento de Versailles, Landru invoca e repete: *C'etait de mes affaires*.

Landru tinha montado um escritorio de corações e sensualidades. O capital era pequeno: uma barba, uma calva e um *ruban* discreto no «paletot».

Perto de 300 mulheres corriam a depositar ali os seu capitães. Ele ia-lhes disfrutando os juros e, por vezes, como o demonstrem as onze desaparecidas, permitia-se entrar pelo capital.

Se não fosse esta ultima *escroquerie* de vidas, decerto, Landru não teria jogado a cabeça. E elas teriam todas jogado a honra.

Mas qual seria o estranho encanto de Landru? Landru não é bonito. Landru não é bom. Landru não é honesto. Apesar d'isso as mulheres amam-no, entregam-se, deixam-se fascinar por ele, como borboletas...

Ha na fisionomia de Landru dois traços característicos: a barba e a calva. Evoca-se agora um precursor de Landru que da mesma forma seduziu mulheres e da mesma maneira as fez desaparecer. Chamava-se Perel. Era relojoeiro,—o que não me parece exerça sobre as mulheres uma grande influencia, e—oh! coincidência reveladora!—usava barbas e era calvo!

Será este o tipo absoluto do D. João? Balzac, na *Comedia humana*, faz figurar um D. João—calvo.

Eça apontou o prestigio da calvice nãs mulheres.

O mais remoto predecessor de Landru, Gilles de Rais, ficou na historia com o *sobriquet* de Barba Azul. Embora Anatole pretenda que o «barba-azul» usava cara rapada e o azul das barbas que o imortalizou não passava do vulgar azul da face escanhoadá, é de presumir que ele de facto usasse, barba, e—mais!—que fosse tambem calvo.

Estamos diante da *lei dos contrastes* de Schopenhaver; a mulher, ente de cabelos compridos e face glabra, adora o genero oposto.

Será o queixo frondoso e o craneo escalvado a paisagem humana preferida pelas mulheres?

Se assim é, curvemo-nos ante este *verdictum* de Landru como ele se ha-de curvar ante o do tribunal—que é, facciosamente, composto só de homens—e recolhemos a um convento, nós os homens novos e homens de hoje, modelo *yankee* que usamos essa paisagem perfectamente invertida...

LANDRU que apaixonou tantas mulheres, apaixonou todo o mundo. Landru mete-se em todas as conversas—impertinente, imperativo, cinico. Ha dias, num grupo de artistas novos, Landru era um crivo de *boutades*. Sobre a misteriosa desaparição das victimas de Landru, queimadas, ao que parece, bordavam-se os mais diversos comentarios, Almada Negreiros teve esta frase final:

—Não... Landru não será condenado. Ele foi bastante cuidadoso: queimou as provas...

AS memorias de Sua Alteza O Duque do Porto, que estamos publicando, são traduzidas do inglês; na edição ingleza, luxuosamente cuidada, o autor não acusa o seu nome, tudo levando a crer tratar-se da propria Sr.^a Duqueza do Porto ou de pessoa que seguiu á risca todas as suas indicações.

FREIRE GRAVADOR é um homem de espirito e um senhorio de genio. Ha dias os seus inquilinos, reconhecidos por ele ser um dos raros senhorios que conservaram as antigas rendas, resolveram oferecer-lhe um banquete. Na altura dos brindes Freire Gravador, visivelmente comovido com o gesto dos seus inquilinos, manifestou desejos de pagar as despezas do banquete. Como o dissuadissem dessa ideia, Freire Gravador tem um gesto:

—Pois bem, meus amigos... Solenizando o dia de hoje delibero que este mês ninguem pague as rendas

Inutilmente os seus amigos e inquilinos lhe pediram para não levar a efeito a sua estranha generosidade. «Que não queriam que achavam demais, que não desejavam ter a responsabilidade dum sacrificio tão grande, etc., etc.» Tudo inutil... Freire Gravador manteve a sua resolução. E no dia 10, como nenhum dos inquilinos de Freire Gravador se apresentasse a pagar as rendas, receberam todos ordem de despejo...

PUBLICAMOS hoje um admiravel soneto do sr. Fontoura Xavier, illustre Embaixador do Brasil, e uma das glorias da sua Patria. Ao grande Poeta e grande Diplomata, os nossos agradecimentos pela sua valiosissima colaboração.

O sr. Conde de Sabugosa, um dos nomes mais illustres da nossa literatura, em cuja prosa forte Portugal se eternisa, acaba de publicar mais uma obra prima. A Rainha D. Leonor. A illustração Portuguesa em breve consagrará a essa obra e ao seu autor algumas paginas interessantes.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE CATALÃ

A Exposição Catalã, na Sociedade Nacional de Belas Artes, não revela grandes novidades, nem quanto ao espirito, nem quanto á tecnica. Estou mesmo em crer que a ansia nacionalista dos homens de Barcelona ha-de ter conseguido, em arte, mais e melhor do que o que trouxeram até cá.

Região de energias irrequietas, povo que, além doutros esforços, tem vindo fazendo o milagre de criar, ou ressurgir, uma lingua própria, a Catalunha, terra de gente prática e voluntariosa, empenhada em acumular forças e razões de autonomia, não é a provincia da Espanha onde a visão, o poder da cõr se mostram mais fortes e originaes.

Nação que deseja afirmar-se, a Catalunha tem-se, de preferencia, entregado a cultivar esses dois maiores sustentaculos da independencia: o trabalho e o idioma.

No trabalho, é claro, inclue-se nobremente a arte; mas, dado que esse esforçado núcleo ethnico aspira ás realizações, não ás fantasias, um dos ramos mais notáveis da moderna arte catalã é, precisamente, aquele que não pode ter representação no certamen: a architectura.

Quem percorre a cidade condal, pode discordar,

por vezes, do gôsto e dos atrevimentos dos seus architectos, como Puig y Cadafalch, mas tem de reconhecer a soma de iniciativa dispendida pela capital industrial da Espanha em matéria de construção e decoraçã urbanas.



Otero Camps. «Aurora»



Otero Camps. «Aurora»



Joaquim Sunyer. «A Baía de Forn».

Não a mira que assim seja. A casa é o melhor símbolo do futuro. Construir é ter esperança. E a Catalunha espera, a Catalunha crê, a Catalunha, cuja agitação deve, em certas ocasiões, haver roubado aos seus artistas a calma atmosfera indispensável, insiste em edificar, em preparar-se, em imprimir às paredes dos seus habitáculos e dos seus edifícios as audácias da sua fé emancipadora.

Em pintura, divorciada da orientação das outras escolas espanholas, visando a marcar lugar isolado, é que a Catalunha não

descobriu ainda, por completo, a sua linguagem, o seu carácter, o seu modo de ser. Procura, tenteia, balbucia, com a chupeta do parisiense entre os lábios.

O que se vê nas salas de Barata Salgueiro, é, com excepções raras, pintura cosmopolita, internacional, corrente, sem cunho rático a fecundá-la. Quadros como toda a gente pinta em qualquer parte, e até, alguns, como se recusam em muitos juris.

Sentimo-nos ali em parte incerta. Não se diria uma exposição com pretensões a divulgar uma pátria.



Juan Cardona. «As duas garotas».

Se toda a pintura catalã fôsse assim, teríamos de confessar que, por enquanto, ela só existe no estado de aspiração, pois o que ali nos mostram é, quasi exclusivamente, pintura francesa, ou afrancesada, feita e assinada por catalães.

De resto, os catalães fazem garbo em descender dos franceses, se bem que não sejam as mesmas as suas qualidades de graça, de elegancia e de leveza.

Na conferencia que leu na exposição, e na qual, citando muitos nomes da pintura moderna, não apontou um unico nome catalão, o artista Feliu Elias Eracons declarou, em francês, que «a arte catalã caíra, em certa altura, nos braços da arte francesa»,

mente escrava da gaullesa, a arte catalã enferma duma comprometedora falta de personalidade, de ausencia de características próprias, que permitam vaticinar da sua trajectória de amanhã.

Ha ali muita habilidade, muita pericia, muita applicação. Alguns quadros são excellentemente pintados, e noutros é rica e agradável a maneira de fazer. Falta, porem, no conjunto, temperamento, individualidade, regionalidade.

Esboçam-se ali várias tendencias, palparam-se influencias antagonicas, desde Sorolho e Adré Lhotte, passando por Yanquim, Matisse e Cézanne, mas não se descobrem personalidades definidas.



Baixeras i Verdaguen. Procissão na planície de Vich.

e que, por enquanto, o que havia na Catalunha era o instinto e a intenção picturaes, faltando criar e desenvolver a sua sensibilidade artistica.

Sendo essa a opinião de um delegado official, o estranho sente-se á vontade para, sem desprimor, desejar á criança, a que o Sr. Elias comparou a pintura catalã, que cresça e apareça.

*

Emancipada, de futuro, a pintura catalã talvez venha a impor-se como uma manifestação digna de capitulo especial na historia da arte peninsular, como já o teve com os seus primitivos.

Assim, como Lisboa a pode ver, servil-

O proprio Sunyer, de que alguns catalães veneram a arte, não é, pelo menos no quadro que vimos, um pintor de cunho inconfundivel, se bem que seja, entre os modernos quem mais se afirma.

Para maior desorientação, ha, em diversos, notas de falso modernismo a ocultar a ausencia de inspirações buscadas, renovantes.

Faltam tambem alguns artistas catalães de renome, como Rasiñol, Anylade, etc.

Costumamos a folhear certas boas revistas catalãs e a acompanhar, de longe em longe, o grande movimento renovador da Catalunha e, francamente, esperamos mais. Não diremos que experimentámos uma desillusão; mas a nossa illusão, sem duvida, se

diminuiu, quanto ao valor e originalidade da moderna pintura catalã.

*

O nome maior da exposição, e só por si razão bastante para nos felicitar-mos de a visitar, é o de Fortuny; exactamente, um antigo, que os novos reprimiam. A *Odalisca*, tratada com uma largueza e solidez que esse pintor do bonito não empregou muitas vezes, é, não obstante certos defeitos de atitude e proporção, um quadro de mestre; mestre, cuja aguarela romana, *Il Costino*, é ainda uma coisa agradabilíssima de se olhar.

Alem de Fortuny, ha dignos de nota, na secção retrospectiva, os nomes de Galofre, com a sua brilhante *Fantasia mourisca*, uma linda paisagem de Martí Alsina, e o curioso *Enterro de Fortuny*, de Lusquets.

Dos modernos, alguns se destacam, como Juan Limona com o seu *Lavadouro*, Sunyer na *Baía de Forn*, Mir Trinxet, um lirico do precipicio, Juan Cardona com *As duas garotas*, Badrinas Escudé e a sua

Cerejeira, Puig i Perucho com a *Aldeia alegre*.

Apontarei ainda *A manta samorana* de Jacinte Olivé, um *Interior* de Quadras i Villavecchia, o *Teatro* de Urgell i Carerras, uma *Madrugada* de Vilás Fernández, a *Costa brava* de Raurich Petre, uma *Marinha* de Navarro Fargas, *Sombras reflectidas* de Lluís Masriera, *Mimosas* de Guadalupe Zunzàrren, um *Retrato* de Ricard Canals.

Ao todo, roventa telas, correspondentes a mais de oitenta pintores, que, a um só quadro por pincel, precisariam de ser muito grandes para se imporem, de chofre, a estrangeiros, ignorantes da sua escala de valores.

Na escultura, sempre difficil e perigosa de transportar, ha o nome de José Clará, com uma obra-ta ligeira.

Entre os desenhos e aguas-fortes, um destes de Fortuny, merecem destaque as scenas populares de Xavier Nogués.

A Escola Superior de Belas Artes e Officíos expõe, em tapetes, vidros e cerâmica, algumas peças apreciáveis.



Os delegados catalães com o sr. Francisco Santos, director da Sociedade Nacional de Belas Artes

Aniversario da implantação da Republica no Brasil



Desenho de Joaquim Guerreiro.

A Republica brasileira fez no dia 15 de Outubro 32 anos. Nesse curto periodo o Brasil tem prosperado, tem-se imposto a todo o mundo como uma raça forte, como uma raça que não olha para traz, que tem o futuro como timbre e como norma. A Ilus-

tração Portuguesa aproveita esta oportunidade para saudar o Brasil, a grande patria amiga, nos srs. Fontoura Xavier, illustre Embaixador do Brasil, Belford Ramos, dignissimo consul do Brasil, e Macedo Soares, primeiro secretario da Embaixada.

I M P E R A T O R E T R E X

*No oitavo dia Deus disse-lhe: "Tu agora
Serás o rei dos reis no teu proprio elemento.
Os teus dominios vão como um deslumbramento
Por mais de sete mil quilometros mar fóra.*

*Sejas tu o "habitat" do que a fauna e a flóra
Conceberem de estranho; ouro fosco berrento
Sejam-te o trono e o leito, ouro o teu firmamento,
E a tua vida de ouro auri-perene aurora."*

*Ungio-o; poz-lhe á frente a corôa dos Andes;
Poz-lhe o manto imperial, de umas dobras tão grandes
Que alagaram — um mar cobrindo quatro zonas.*

*E soltou no seu curso, erguida a frente egregia,
Estrelada no seio a gran "vitória-regia,"
O magestoso rio e mar das Amazonas.*

FONTOURA XAVIER

a cega

A OUTRA—
Sempre
é verda-
de que vais
casar?

A CEGA—
Sim. Porquê?

A o.—Co-
mo não tens
olhos para vêr
o noivo...

A c.—Nunca vi ninguém. Ele ha-de ser igual
a todos.

A o.—E' mais feio. Muito negro, muito grande...
Nada bonito, com franqueza.

A c.—O que é ser bonito, dizes? Explicas?
Gostava tanto...

A o.—E' ser agradável á vista, ser bem feito,
bem acabado... Não percebes?

A c.—Mas êle tem os dedos finos, delicados.

E' bom me-
cher-lhe no
cabelo; pare-
ce sêda. A pe-
le é macia; os
hombros di-
reitos... O na-
riz não é gran-
de... As pes-
tanhas compridas... Por-
que dizes que
é feio?

A o.—Por-
que é. Pre-
gunta a qual-
quer pessoa.
Não ha duas
opiniões. Mui-
to acanha-
do... A boca
enorme...

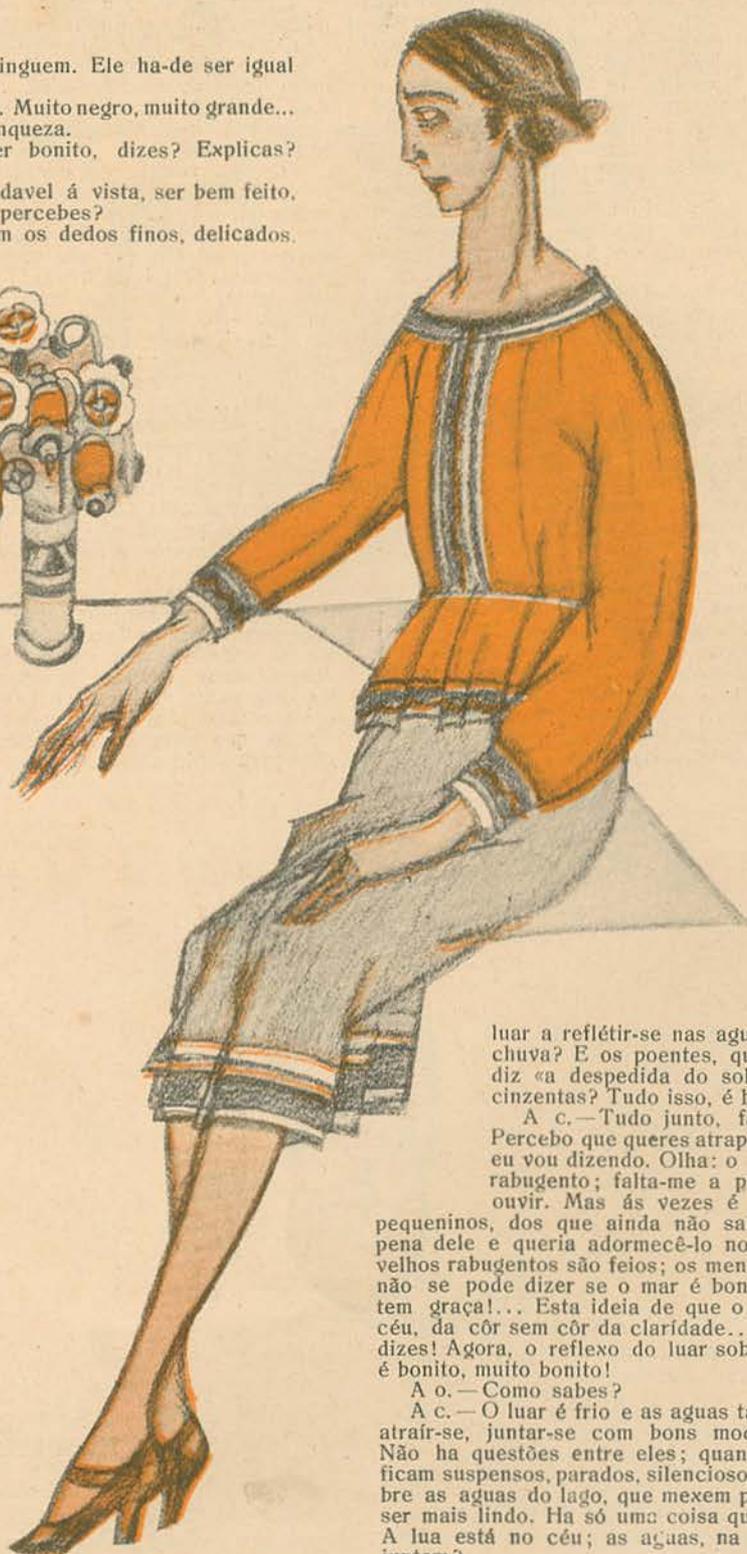
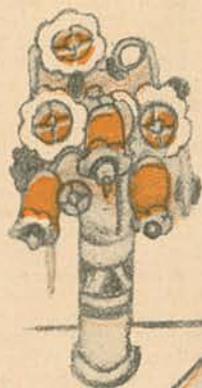
A c.—E os
olhos? O que
dizem dos
olhos d'êle?

A o.—Pe-
quenos, mor-
tiços, sem ex-
pressão. Só
quando olham
para ti... En-
tão...

A c.—Tor-
nam-se quen-
tes, iluminam
tudo melhor?

A o.—Não
ha olhos quen-
tes nem frios,
nem que sir-
vam para me-
lhor alumi-
ar... Ha olhos bo-
nitos e feios.
Os dêle, tor-
nam-se bons,
quando te
vêm... Nas
outras oca-
sões são tris-
tes.

A c.—Cos-
tumam ser
mornos e,
quando olham
para mim, tor-
nam-se quen-
tes. Tem pa-
ciência, mas
eu só assim é
que sei. Feio,
bonito, não
percebo.



MARQUES

A o.—Sem-
pre has de ter
uma ideia.
Queres vêr?
Olha, vai re-
spondendo...
O céu é bo-
nito?

A c.—E'.
Não tem côr;
é de todas as
côres. E' o
contrario da
côr que não
me deixa vêr.
Dizem que eu
vivo em tre-
vas... O con-
trario de «tre-
vas» é «clari-
dade»... Foi
assim que me
ensinaram.
Então, o céu
é claridade...

A o.—Mas
eu pergunto
se é bonito.

A c.—E'.
E' bonito tu-
do de que se
gosta... Ora,
eu gostava de
passar á clari-
dade, para que
não tivessem
dó de mim.

A o.—Vis-
to isso, tam-
bem o teu noi-
vo é bonito
porqueto gos-
tas dele?

A c.—Tam-
bem. Não te
rias. Pergunta
mais.

A o.—Pois
sim; mas, dei-
xa-me já di-
zer-te que te
enganaste: O
céu tem côr;
é azul. Ago-
ra, ouve: O
mar é bonito
ou feio? E o

lunar a reflétir-se nas aguas? E os dias de
chuva? E os poentes, que é como quem
diz «a despedida do sol»? E as nuvens
cinzentas? Tudo isso, é bonito ou feio?

A c.—Tudo junto, faz-me confusão.
Percebo que queres atralhar-me... Mas,
eu vou dizendo. Olha: o mar é um velho
rabugento; falta-me a paciência para o
ouvir. Mas ás vezes é menino dos mais
pequenos, dos que ainda não sabem falar; tenho
pena dele e queria adormecê-lo nos braços... Os
velhos rabugentos são feios; os meninos são bonitos;
não se pode dizer se o mar é bonito ou feio... E,
tem graça!... Esta ideia de que o mar é da côr do
céu, da côr sem côr da claridade... «azul», como tu
dizes! Agora, o reflexo do luar sobre as aguas, isso
é bonito, muito bonito!

A o.—Como sabes?

A c.—O luar é frio e as aguas tambem... Devem
atrair-se, juntar-se com bons modos, suavemente.
Não ha questões entre eles; quando se encontram,
ficam suspensos, parados, silenciosos, quietinhos. So-
bre as aguas do lago, que mexem pouco, ainda deve
ser mais lindo. Ha só uma coisa que não percebo...
A lua está no céu; as aguas, na terra... Como se
juntam?

A o.—E' a luz que vem de lá...

A c. — Sim, sim; é exactamente como eu «via»... Ha uma grande mancha clara que chega desde o céu até ao mar, nas noites luarentas. Deve cançar a vista, parece-me... Agora o resto: Os dias de chuva são tristes e, não sei porquê, acham-nos feios... Ouço dizer: Está «um tempo feio» e, d'at a pouco, começa a chuva a cair. Nos dias de chuva, vê-se pouco e acendem-se as luzes; procura-se abrir, á fôrça, os olhos cerrados do dia... Mas, os dias de chuva são como eu; são os filhos cegos do Tempo, e cegos de nascença. Os poentes também são tristes; basta serem despedidas... Como são tristes, naturalmente ninguém os acha bonitos. Eu acho, porque também os olhos do meu noivo são tristes, como tu disseste... As nuvens cinzentas não sei o que são... O que é o cinzento?

A o. — E' uma côr quasi branca, quasi da côr mais alegre que ha... a côr do teu vestido de casamento.

A c. — Então, as nuvens cinzentas são bonitas. Dize se respondi a tudo bem...

A o. — Não...

A c. — Porquê? Conta lá como é que toda a gente fala dessas coisas. Para eu não fazer má figura.

A o. — Vá lá; fixa bem: O céu é azul; o mar é esverdeado, o reflexo do luar sobre as aguas é dourado; os dias de chuva são da mesma côr das nuvens cinzentas e, realmente, ninguém os considera bonitos. Os poentes são vermelhos ou roxos...

A c. — E toda a gente se contenta com esses nomes de côres? Não é preciso dizer mais?...

A o. — Não. Adeus. Saudades ao teu noivo.

A c. — Ainda uma pergunta só. Como são os homens a que se costuma chamar bonitos?...

A o. — E' conforme os gostos... Morenos, sem ser demais... A bôca pequena... Os olhos grandes... Os dentes brancos... Mas tudo isso varia muito. Ter, principalmente, uma distinção natural... Não ser desageitado, como o teu noivo...

A c. — Bem. Adeus, obrigada...

A CEGA. — Estive a conversar com uma rapariga minha amiga. Perguntei-lhe se tu eras bonito...

O NOIVO. — E ela? Que resposta?

A c. — Disse que sim... E que os homens bonitos eram morenos, mas não muito... tinham os olhos grandes, os dentes brancos, uma certa «pose» a que ela chama «distinção natural»... Fiquei com pena de que tu fosses assim...

O N. — O retrato está um pouco favorecido.

A c. — Eu antes te queria desageitado e grande; muito trigueiro... com a bôca maior do que a minha... Os olhos não me importava que fossem pequenos, contanto que não parecessem muito vivos e sorridentes. Queria-os tristes; bons, para mim... Os teus dentes são brancos, tenho ouvido dizer...

O N. — Pareço-me mais com a tua visão.

A c. — Também lhe perguntei outras coisas; quiz saber como eram as coisas de que se fala mais... o céu, o mar, o luar sobre as aguas, os poentes, os dias de chuva...

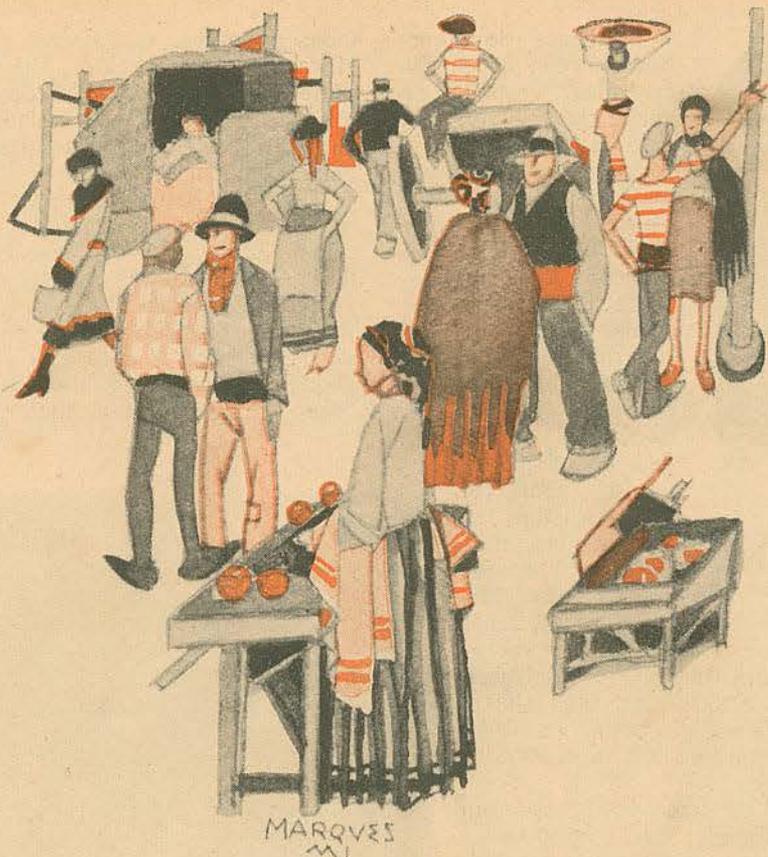
O N. — São como tu os vês, tenho a certeza. O céu é de todas as côres, da côr da claridade; o mar não é bonito nem feio e tem a mesma côr do céu; o luar é muito bonito e, quando brilha sobre o mar, parece que é uma estrada de piso de ouro que vem a descer do céu; os poentes são pouco alegres... Os dias de chuva são escuros e lindos, são ceguinhos como tu, filhos ceguinhos do sol que descem sobre nós e que, ainda entontecidos pelo esforço de tentar romper a treva, ainda tocados pela suprema graça de nunca se cançarem de luz e de verdade, veem apertar-se contra os corações que os esperam e recebem, os desordenados corações dos timidos, que só pulsam tranquilamente nos dias de nevoeiro, uns dias parecidos com as pessoas envergonhadas que não olham direito, que usam luvas a cobrir as mãos, que usam véus para cobrir a cara.



A Praça da Figueira é Lisboa, é Lisboa em miniatura, é a Lisboa que se esconde, a Lisboa que os estrangeiros não descobrem, Lisboa para uso interno, uma Lisboa refilona, zaragateira e florida. A Praça da Figueira é imensamente *alfacinha*, mais ainda, imensamente couve lombarda. E entretanto, apesar do seu lisboetismo, a Praça da Figueira é a única nota regional que ha na cidade. Ir á Praça da Figueira é dar um passeio pela provincia, é saborear Portugal nos frutos que se provam, sádios, coloridos, satisfeitos...

A Praça da Figueira é tudo quanto ha de mais Lisboa; a Praça da Figueira é tudo quanto ha de mais provincia. A contradição desmancha-se em duas frases: E' que Lisboa é mais Lisboa quando o não é, quando não se lembra de que é cidade, quando se resigna, dôcemente, áquela atmosfera carinhosa de aldeia grande, de aldeia onde as arvores e flores se tornam humanas—no convívio dos humanos...

E' aquella Lisboa que se regula pelo relógio da estação do Rocio, como certo povo longinquo se regula pelo relógio da torre;



MARQUÊS
MI

A DESCOBERTA DE LISBOA

No Ano de 1921

v—A PRAÇA DA FIGUEIRA

aquela Lisboa amavel que estende mil braços para um braço partido, em plena rua; a Lisboa dos jardins modestos, das velhinhas que vendem flores, que vendem, nas flores, os retratos da sua mocidade; a Lisboa dos pregões melancolicos e lindos, das varinas com voz de agua, com voz de agua salgada; a Lisboa da passara da amiga, das procissões ingenuas, dos tipos da rua, das esquinas; a Lisboa da Praça da Figueira, praça alegre, praça pagã, que até no nome sabe bem, no seu nome verde, no seu nome sumarento...

A Praça da Figueira está sempre em festa. Nas vozes agudas das mulheres dos lugares ha fogue-

tes a toda a hora... Pelos taboleiros ha frutos ás gargalhadas, frutos a estoirar de riso, frutos provocantes, que irritam, que irritam tanto, que acabam por ser trincados... As melancias anafadas, grotescas, inchadas, procuram, em vão, como a rã da fabula, chegar ao tamanho da matrona que as vende, entre pragas e sorrisos. Os pecegos, carminados e torpes, espreguiçam-se pelas canastras... As peras perolas—elegantes e sádias—



—mulheres de Stamboul— com as pernas cruzadas, vestidas de verde claro, o veu descido a ocultar-lhes o rosto, aguardam, resignadamente que os senhores Labios, que passam, as desejem, lhes cobicem a carne apetitosa... Os peros juvenis, agarotados, como ranchos de creanças ao entrar para a escola, e fiam de roldão, nos cestos das creadinhas, como quem vai para o castigo... As laranjas, magestosas e aristocráticas, heraldicas de sol, teem

a atitude triste e desdenhosa de escravas brancas— em Bagdad... As frutas, as frutas tenras e carnudas, sensibilizam a Praça, dão-lhe saúde, põem na multidão que se movimenta lá dentro, a ondulação dum corpo...

Ha tanto sol na Praça da Figueira, um sol tão impertinente, que o guarda-sol aberto é uma das tradições da praça. Debaxo de cada guarda-sol um lugar de venda... O guarda-sol é um simbolo. E' preciso esconder do sol o que só a ele pe tence, o que lhe foi roubado, os frutos, os legumes, as flôres, tudo quanto sem ele não teria visto a luz...

A má lingua é tambem uma tradição da praça. As regateiras, as portuguesissimas regateiras, são naturais de lá... Ser regateira é ter a lingua vivinha a saltar, é dar ás palavras a espontaneidade dos frutos selvagens. De resto, a Praça da Figueira pode comparar-se á Bolsa. A mesma algazarra, a mesma brutalidade de atitudes. O confronto não maguará. A Praça da Figueira é tambem uma Bolsa, a Bolsa dos Pobres, a Bolsa dos que não se alimentam com papeis de credito, a Bolsa-pé-de-meia.

A Praça da Figueira, que nunca deixa de estar em festa, tem as suas festas officiais em Junho, no mês dos Santos—nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Nessas noites, noites em que o majarico é rei, não ha frutos na praça, ha corpos, corpos saudaveis, corpos foliões— as melhores frutas da Praça... Em

todas as mãos, o majarico é o emblema da Hora, o enternecido vaso de majarico onde todos nós, no mês dos Santos, plantamos no nosso coração lusiada num cravo de papel, um cravo onde as quadras mais desajeitadas ficam lindas...

Como é belo o nosso culto pelo majarico, pelo vaso do majarico... Sim. Porque no majarico, o vaso tem um papel importante... Nas outras plantas o vaso é nada, o vaso é o pedestal da flôr... Não é assim no majarico. Concebe-se lá um majarico sem vaso! O vaso é a casa do majarico, a casa pequenina, alegre e simples, onde ele fica como um Santo num nicho... Imagem da

nossa vida, da nossa vida que foi, o vaso de majarico... Em meio palmo de terreno, sem grandes ambições, sem ansias de subir muito, um lar muito amigo, muito unido, entrelaçado, amajaricado...

Pois na Praça da Figueira, nas noites de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro, o majarico é rei. Toda a noite, toda a santa noite, grupos de foliões, cirandam pela praça, uma cantiga nos labios, só cantiga, uma cantiga onde as palavras são o menos, balões no alto dos paus, a opiá-los, a dar-lhes ilusão duma vida caprichosa, duma vida colorida... Ha assobios, ha gritos, ha cantigas, ha uma cidade endiabrada que esconde as chaves a



Arredores da Praça.— A varina



S. Pedro—para não entrar no ceu por aquelas semanas mais proximas...

A rodear a praça da Figueira estão os ourives, os talhos, as drogarias. Nos talhos da Praça da Figueira ha um impudor de carne em sangue que choca, que repugna, que afasta. Quem passa pela Praça da Figueira, intimado pelo sangue não suspeita a alegria, a vida que vai lá dentro, vida feita de morte, da morte constante da natureza.

A Praça da Figueira tem os seus tipos, tem a sua colecção de bilhetes postais... Alem das creadas de servir, população habitual da Praça da Figueira, ha o *impedido*, *impedido* quasi sempre com alguma dessas

suas miserias, com todas as suas aflições, com a tragedia brutal do dia-a-dia. A alegria da Praça da Figueira é, por vezes, uma alegria falsa, uma alegria furiosa de quem ri, de quem fala, de quem grita—para enganar os labios...

São raros, no entanto, estes momentos. A

Praça da Figueira está quasi sempre de bom humor. As flôres vivas, saudaveis, quasi nascidas ali, não lhe consentem tristezas. A Praça da Figueira reabilita-se de tudo com as flôres. Por cada palavra má—ha dez cravos vermelhos...

A Praça da Figueira... Uma constante dança de roda na cidade, o *hangar* do sol quando ele desce sobre Li boa... Na verdade, a Praça da Figueira e arredores, rua da Praça, rua do Amparo, Rossio, é a Lisboa onde ha mais sol, onde as vozes tilintam mais, a Lisboa dos cauteleiros, que se desumanizam, que tomam para nós a forma dos numeros que apregoam. Dir-se-ia mesmo, até, para as bandas da Praça da Figueira, quando os cauteleiros atiram ao ar os seus gritos metallicos, que a sorte grande que vai sair é o Sol, o Sol que é já por si a Sorte Grande da terra...



Na Praça da Figueira. A venda das flôres

creadas; ha o senhor grave de côco e sobretudo que leva uma pescada á laia de *badine*; ha senhorinhas que põem chapéu para se darem ao respeito, uns pobresquicos lazarentos á prova de todas as pragas, de todos os arrojões... Em creadas o sortido é completo. Ha-as magrinhas e espevitadas como nabijas, ha-as anafadas e abundantes como aboboras, ha-as vivas e saracoteadas como rabanetes, farfalhantes e espectaculosas como couves...

A praça da Figueira, plebeia, intima, folionia, é a saía debaixo da cidade. Ha mesmo dias em que Lisboa se desnuda na Praça da Figueira, em que Lisboa surge, com todas as

ANTONIO FERRO

(Clichés Salgado)

DESENHOS
DE BERNARDO MARQUES



O INCENDIO DO GINASIO



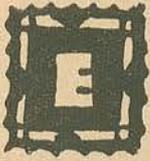
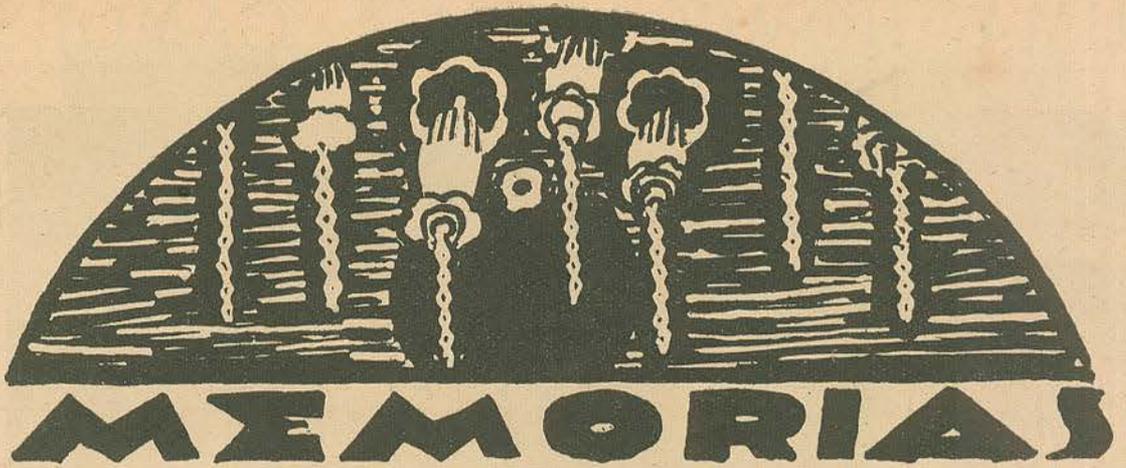
Durante o rescaldo no interior do teatro.



Os bombeiros no ataque ao incendio evitando que se comunique à legação de Italia



*O ataque dos bombeiros feito pelo lado da Rua Nova da Trindade.
(Clichés Salgado)*



se penso nas suas mãos, começo a afagar os meus cabelos!...

*Moimenta
Outono-918*

Ando ha três dias com os outros. A minha alma perdeu todo o recolhimento, toda a religiosidade. E' horrivel! Sinto-a mesmo atravancada. Parece uma casa d'hospedes!

*Lisboa
Jan. 919*

A. C... não deve voltar mais. Não, não deve. O que eu agora desejo—é sentir as saudades...

*Lisboa
Fev. 919*

Noite alta. Ouço o Mar. Errei o dia inteiro. Nem uma flôr colhi! Passam na minha memoria todos os que encontrei; passam—e passo eu tambem.—Que tédio! Só merecem admiração os mortos que foram alguem: só esses já não são diminuidos pela vida...

Junho-9

Serenidade, serenidade! Torturas, para quê? As aguas dos rios só sabem reflectir a Terra e o Ceu, quando limpidas e tranquilas. A alma dos Artistas deve ser como as aguas. Encapelada, fará ouvir os seus rugidos e ver as suas ondulações; mas para que isso mereça atenção e domine—é preciso que se trate do Mar...

Julho 20

A J. esteve aqui esta manhã. A L. escreveu. A M. L. pediu que fosse lá jantar. O dia é todo polvilhos de liláses e oiros. Sinto a côr d's papoilas e o aroma dos cravos. A vida sabe a mel. E eu sorrio ao comparar o meu pobre coração a um quartel general do Sentimento Humano, onde elas todas servem como ajudantes de campo...

Julho-3

Li o livro de ver os do... Coitado! Não ha maneira de se convencerem de que o Antero é uma individualidade—e não uma escola literaria.

*Agosto
1919*

Cheguei ontem. Que sossêgo! Plena Primavera, a Terra toda florida, papoilas, liláses, andorinhas, rouxinoes...—e a Cidade, a Cidade, lá longe...—Maravilhosos! Nada perturba o Silencio. Nada. Todos os sons ficam esquecidos, adormecidos, a boiar... O tempo não existe. Não existe ninguem... Só reina o Sol, só reinam os perfumes!...

*Moimenta
1920*

Chove. A Primavera entristeceu. Sentir Abril embrumado comove tanto, como vêr uma creança, de luto, a chorar...

Abril-18

Um dia inteiro na rua! Trago a minha sensibilidade tão maguada, como se a tivessem espesinhado todos os pés que encontrei!...

Abril 20

O silencio de S. João de Tarouca tem a côr parda dum habito de burel. E convento não é apenas o Convento: convento—é o vale tôdo...

Maio-23

Os olhos de Gigi só me dão desejos de os abrir...

*Lamego
3 de Maio*

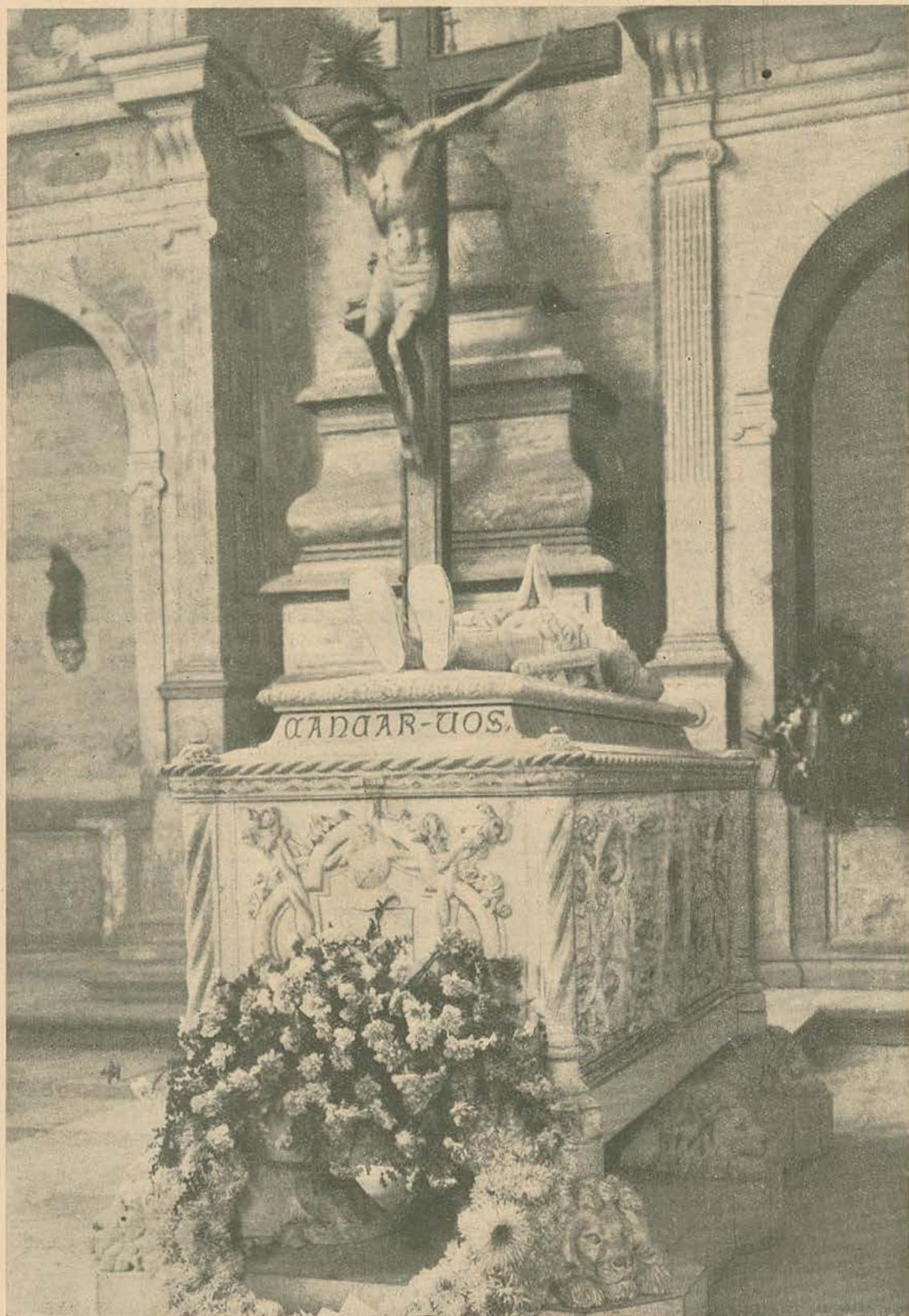
As mulheres, quando choram por nossa causa entregam-se muito mais do que quando nos beijam...

Dez. 20

ANTONIO DE SÉVES

(Fragmentos dum Diario)

UMA HOMENAGEM A CAMÕES



No túmulo de Camões. A corôa de flôres deposta pelos artistas catalães

(Cliché Salgado)

A AVENTURA DE CARLOS DE HABSBOURG



Uma etapa da marcha sobre Budapest, Na estação de Torbagy, o comboio detem-se e o capelão da divisão de Destenburg celebra a missa sobre a linha ferrea

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)

ATRIBUIA-SE esta influencia ao seu beateiro, visto constar ser elle filho dum padre. Tinha infringido a lei, tentando usar um codigo secreto ás occultas do vice-Rei.

D. Afonso telegrafou as suas queixas para Lisboa ao Rei D. Carlos, que respondeu: «Prende-o». O bondoso D. Afonso não quiz fazer isso lembrando-se da amizade da mãe pelo homem. A propria Rainha censurou isto, mas D. Carlos replicou como de costume: «Se o Afonso quer é porque tem razões».

Comtudo, apesar dos irmãos serem tão unidos, tinham gostos muito diferentes. D. Carlos era um esplendido artista. D. Afonso não se importava nada com essas coisas, mas possuia imensa habilidade para a mecanica e trabalhos manuaes. Copiava tudo com exactidão espantosa, desmanchava um automovel e tornava a construi-lo. Tinha tanta pericia como «chauffeur» que, quando a Rainha Vitória esteve em Lisboa, nunca deixou ninguem, senão ele, guiar-lhe o carro, tão completa era a sua confiança nele.

D. Carlos e D. Afonso cresceram juntos, brincando nos grandes corredores do palacio ou na Tapada Real. Sempre juntos, passaram ambos por um grande perigo, estando quasi a afogar-se na baía de Cascaes.

Por ocasião do tragico funeral de D. Carlos viu-se um velho que chorava amargamente junto do caixão, no Panteon Real de S. Vicente. Era o faroleiro da Mexilhoeira, Antonio d'Almeida Neves, que em 1885 salvara as vidas de D. Carlos e D. Afonso, recebendo por esse acto de coragem a Torre e Espada.

De quando em quando, os dois principesinhos questionavam. Os paes obrigavam D. Afonso a respeitar o irmão mais velho e como ele não podia perceber porque se havia de fazer differença entre eles, tratava-o como qualquer outro rapaz. Zangavam-se com ele e por vingança brigava com D. Carlos. Então D. Luiz ralhava e explicava ao Duque do Porto que D. Carlos era o mais velho.

Numa dessas occasiões, D. Carlos aborrecido pelo irmão se recusar a fazer o que ele queria, disse: «Quando fôr Rei prendo-te!» ao que D. Afonso respondeu: «Quando fôres Rei serei Presidente».

Comtudo, todas essas lutas não tornaram D. Afonso menos respeitoso para o irmão, quando este subiu ao trono.

Mas todos os rapazes teem de ser castigados, sejam principes ou não, e muitas vezes D. Afonso foi fechado no seu quarto; porém encontrava, em geral, meios de iludir a vigilancia, conseguindo correr todos os quartos tendo assim mais do que a sua costumada liberdade.

Algumas vezes a familia Real residia em Queluz, outras na Ajuda. Uma ocasião estando a Familia Real lanchando tranquilamente no palacio de Queluz, vieram informar o Rei de

que o Duque do Porto tinha conseguido fugir do quarto onde estava preso. O Rei foi á procura dele, meio sorridente e meio zangado, quando o encontrou junto de uma janela. Sentindo-se agarrado pegou numa cadeira de coiro com pregos doirados e gritou como o mais ferivel revolucionario: (nessa epoca não os havia perigosos, apenas incomodativos) «Viva a Republica».

Sendo colocado na artilharia, o Duque do Porto vestiu muito cedo o uniforme, mas de tempos a tempos revoltava-se contra as obrigações que isso lhe impunha.

Aos dez anos já usava o uniforme dos artilheiros e recusava-se a fazer a continencia quando as sentinelas lhe apresentavam armas como Principe. Então a Rainha D. Maria Pia castigava-o, mesmo em frente dos soldados.

O affectuoso rapazito ficava muito quieto durante alguns minutos, depois abraçava a mãe com muita ternura. Tudo isso fazia com que o povo o adorasse.

Cresceu assim longe das preocupações dos negocios do Estado, sem cuidados, considerando Portugal como terreno de recreio e todos os portugueses como seus amigos e aliados.

Subiu de posto para posto, aparecendo em todas as ceremonias publicas ao lado do irmão, com uma expressão muito mais afavel do que a de D. Carlos que sentia já a responsabilidade da sua posição.

A simpatia e o amor do povo esteve sempre ao lado de D. Afonso—obtinha-os sem esforço, naturalmente, por todas as suas acções.

Realisava constantemente feitos prodigiosos de destreza e força.



D. Afonso aos 5 anos

Ha no palacio da Ajuda grandes escadarias de mármore que levam ás salas dos archeiros. Desejava imenso descer estes degraus em bicileté, como já tinha feito a cavallo. Conseguiu, mas mais tarde teve de desistir por causa de varias quedas.

D. Luiz estava nessa occasião occupado a traduzir Shakespeare e a tocar violoncello, não exercendo a habitual vigilancia sobre os filhos, agora crescidos e com a exuberancia natural aos rapazes novos. Os principes poucas vezes entravam no quarto do pae, que escrevia muito, fumando sempre um grande charuto e cobria a mesa com cinzas, perdido num confuso amontoado de papeis, jornais e panfletos, estando os creados expressamente proibidos de tocar na sua mesa de trabalho.

CAPITULO II

O CAVALEIRO SEM MEDO E SEM MACULA

D. Carlos casou aos 25 anos e foi morar no palacio de Belem, e o Infante D. Afonso ficou na Ajuda, cada vez mais dedicado á sua adorada mãe, consagrando-se inteiramente aos seus interesses pessoais, alguns dos quais não agradavam aos soberanos.

Um dos que mais lhes repugnavam era a installação duma estação de incendios dos «Bombeiros Voluntarios da Ajuda», na extremidade do grande pateo de arcarias do palacio da Ajuda.

Os bombeiros eram todos rapazes fortes e fieis, entre os quais havia um a quem o Infante se afeiçãoou particularmente; era o filho dum professor de guitarra muito conhecido em Lisboa.

Neste quartel, residencia dos moços voluntarios, faziam-se esplendidas exhibições de força e destreza, nas quais o Infante se destacava quebrando moedas com os dedos, que conservou até á morte fortes e dextros; entrava tambem em todos os exercicios de bombeiros.

O Infante era apaixonado por esta vida de riscos e perigos, e destacava-se como o mais forte, o mais atrevido e o mais valente; todos o admiravam e foi obrigado a aceitar o comando da companhia de voluntarios.

Contavam-se muitas historias das suas valentias e proezas, especialmente do seu desprezo pelo perigo, pois não conhecia o medo. Exaltavam-no—era querido de todos.

Num fogo celebre que houve no Chiado, o Principe foi o primeiro a subir á casa incendiada contra a opinião



D. Afonso, antes de partir para a India

uma chamada que tinha sete telefonos nos seus assentos da Ajuda. Gostava de passar a maior parte dos dias na estação dos voluntarios, vestindo camisola de malha sobre o casaco e um gorro á espanhola, na cabeça.

Em resposta á chamada saltava para cima do carro, dizendo aos homens que se amarrassem bem, pois avi-

de todos, percorreu o edificio de alto a baixo, salvou muita gente, levando algumas pessoas nos braços.

Mais tarde, quando D. Afonso estava manejando uma mangueira com agua quasi até aos joelhos, Carlos Luiz Lugin Junior (que tomou o lugar de comandante, depois do exilio do Infante) preocupado com o Principe, mandou pôr ali umas pedras, sobre elas a bandeira duma porta onde colocou uma cadeira e depois disse ao Infante que se sentasse.

D. Afonso olhando para aquilo tudo disse:

— Parece um trono.

O outro respondeu-lhe:

— E V. Alteza é digno disso.

A Rainha D. Maria Pia ficou muito descontente quando soube da ida do filho. As suas ideias sobre a realza faziam-na considerar improprio e indigno dum principe esse trabalho e foi a unica acção do seu filho predilecto, com que nunca se pôde conformar.

Logo que havia sinal de incendio avisavam o Infante, se por acaso ele não estava na estação; o intrepido sportsman receava tanto faltar a uma chamada que tinha sete telefonos nos seus assentos da Ajuda. Gostava de passar a maior parte dos dias na estação dos voluntarios, vestindo camisola de malha sobre o casaco e um gorro á espanhola, na cabeça.

Os voluntarios da Ajuda, todos eles consagravam ao seu Principe uma respeitosa e constante afeição. D. Afonso tratava-os como camaradas e a unica supremacia que permitia era aquela que obtinha realizando prodigiosos actos dignos da admiração dos seus homens.

Entre os fidalgos e mesmo entre outras pessoas, ninguem tinha uma tão grande reputação de saber guiar, como o duque do Porto. Era um espectáculo maravilhoso, vê-lo sentado por traz de cinco lindos cavalos brancos de neve, atrelados como nos carros romanos ou seis das suas bem aparelhadas mulas.

Cavalos guiados pela sua mão pareciam voar; os seus automoveis passavam como redemoinhos, fugindo todos deante deste intrepido chauffeur e na sua passagem ape-



D. Afonso aos 17 anos, numa visita às montanhas



A Família Real Portuguesa. No palacio da Ajuda

nas se vislumbra um oficial louro de brilhante uniforme; tinha contudo uma mão firme e cautelosa, um golpe de vista maravilhoso, nunca ferindo ninguém nem causando desastres.

Algumas vezes fazia cantar a sereia e continuava sorrindo, mirando as janelas, correspondendo aos cumprimentos e mesmo nesta louca carreira tinha tempo de observar qualquer mulher bonita que passasse; era um verdadeiro filho dos Braganças, tendo por um lado um saxão e por outro o galanteador e velho rei Vitor Manuel.

Ninguém antipatisava com ele nem lhe desejava mal, todos lhe sorriam e, depois da morte do Rei D. Luiz, quando os mares da politica estavam muito encapelados, o povo declarava com a enfase dos descontentes, que estão sempre certos tudo correria bem se obtivessem o seu desejo:

— Este é que devia ser Rei

Que Rei singular e adorável devia ter sido este Bragança tão popular, que detestava a politica e só admirava a força e a destreza.

Parece nunca ter pensado no casamento e a esse tempo nem mesmo se lhe conhecia qualquer paixoneta. As senhoras da sociedade aborreciam-no. Foi pouco tempo depois desta epoca da sua vida que numa das suas viagens com a rainha mãe às côrtes da Europa, encontrou a rapariga que quatorze anos mais tarde tornou sua mulher muito querida. Mas este assunto fica para ser tratado noutro capitulo.

O duque do Porto foi o ultimo principe que organizou toureiros, combates e lutas. Sua mãe implorava-lhe constantemente que fosse cauteloso, não corresse riscos, mas ele parecia ter uma vida encan-



D. Afonso aos 20 anos, com sua mãe

tada e saía sempre ileso mesmo das mais loucas e perigosas aventuras.

Até ao fim da vida prosseguiu a sua boa sorte; morreu nos braços da unica mulher que amou, sem mesmo saber que estava doente, sorrindo à sua «princesa», como sempre lhe chamava, tendo tido a felicidade de ser casado pela Igreja e pelo Estado, como toda a gente e como desejara e tendo no cofre forte uma fortuna sufficiente para lhe evitar todos os cuidados a esse respeito, assunto de grande importancia para os principes no exilio.

Mesmo depois da morte a sorte não o abandonou, porque o governo do seu adorado Portugal acedeu logo e unanimemente, sem um momento de hesitação, ao pedido da desolada princesa para que o seu querido corpo fosse colocado no Pantheon dos Braganças, na igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa.

Porém, volte-mos ao assunto:

Quando uma vez por outra fazia algum desastre ou estragava qualquer carruagem nas suas correrias, saltava ligeiro do carro, examinava o caso com um olhar rapido que tudo abrangia, dizia ao cocheiro desesperado que fosse para o palacio emquanto ele dirigia o concerto, pois tinha sempre à mão uma espécie de «primeiro auxilio» para carruagens e automoveis feridos.

Muito generoso, os desastres causados por D. Afonso eram sempre proveitosos para quem os sofria, porque os veiculos estragados saíam das oficinas melhores do que para lá tinham entrado.

A sua mesada acabava antes da sua generosidade.

(Continúa)



A Família Real Portuguesa em 1882, em Braga

O descarrilamento de Aljustrel



Mais um barbaro atentado veio enlutar Portugal, este país que ha muito tempo veste de negro, este país que já não sabe rir, que tem no seu destino uma pesada cruz. O atentado do dia 8 foi um atentado contra a Raça, contra a bondade magnanima da Raça, caluniada a todo o instante. A nossa gravura representa o local onde se deu o tragico descarrilamento, na madrugada de 8 de novembro

(Chiché Salgado)



*Os funerais das vítimas do desastre de Aljustrel.—Ao alto: As urnas a bordo do vapor «Douro».
Em baixo: o desembarque.*

(Clichés Salgado)



Destroços do comboio descarrilado

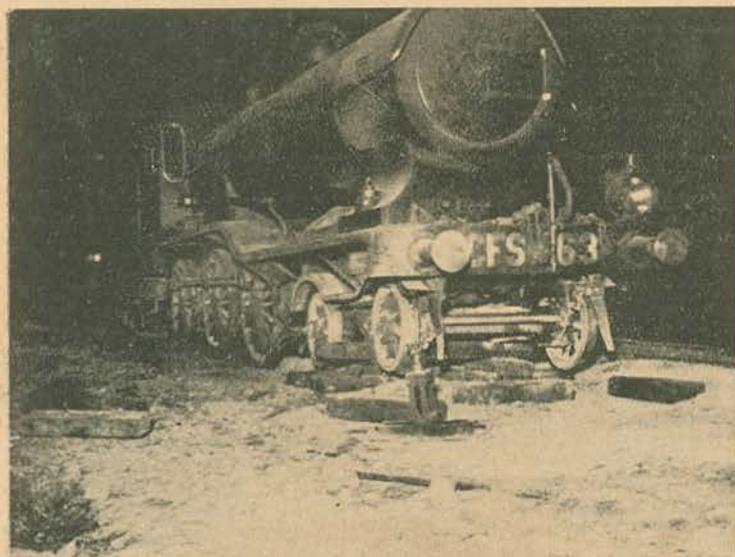


O cenário duma grande tragédia

«Clichés» Salgado»



O descarrilamento de Aljustrel. — Um vagon despedaçado



A locomotiva que descarrilou entre Aljustrel e Figueirinha



João F. Robalo, maquinista do comboio descarrilado entre Aljustrel e Figueirinha

(Clichés Salgado)